

# LIBERDADE E SOFRIMENTO

Um diálogo entre Juan Luis Segundo  
e Guimarães Rosa

Clademilson Paulino





# **LIBERDADE E SOFRIMENTO**

Um diálogo entre Juan Luis Segundo  
e Guimarães Rosa

**Clademilson Paulino**

Copyright © Editora Saber Criativo, 2019.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem a autorização prévia da editora.

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
PROJETO GRÁFICO

Regina Fernandes Sanches  
Lissa Gabriela

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586l - Silva, Clademilson Fernandes Paulino da  
Liberdade e sofrimento: na conversa entre  
Teologia e a Literatura de Guimarães Rosa  
/ Clademilson Fernandes Paulino da Silva.  
Campinas: Editora Saber Criativo, 2019.  
168 p.

ISBN 978-85-54925-28-4

1. Teopoética      2. Teologia e  
Literatura      3. Guimarães Rosa.  
1. Título

CDD: 230

**EDITORA SABER CRIATIVO**

Conheça outros títulos nossos em:

[www.editorasabercriativo.com.br](http://www.editorasabercriativo.com.br)

Ao Ni, à Belinha e à Fran.



7	PREFÁCIO
11	INTRODUÇÃO
17	<b>Teologia e literatura em diálogo</b>
17	<i>Teologia e Literatura em Diálogo na América Latina</i>
27	<i>Juan Luis Segundo e a sua Teologia com sabor de vida</i>
27	Biografia resumida
28	Teologia com sabor de vida
33	<i>João Guimarães Rosa: vida e religiosidade</i>
37	<i>Grande Sertão: Veredas</i>
38	Resumo do romance
40	Estrutura, Memória e Processo Narrativo
46	Religião
49	<b>Riobaldo, uma meia teologia</b>
50	<i>Personagem e romance como intérpretes da realidade</i>
53	<i>Diadorim e Hermógenes: “O diabo na rua no meio do redemunho...”</i>
54	Diadorim como <i>medium</i> de reflexão
58	Hermógenes: o inimigo
63	<i>Riobaldo, Tatarana e Urutú Branco</i>
75	<i>Uma meia Teologia</i>
81	<i>Sertão: mundo, vida e religião</i>
81	<b>Sertão, solidão e sofrimento</b>
84	<i>Sertão e SerTao</i>
85	Dualismo e dualidade
89	<i>Compadre Quelemém</i>
93	<i>Solidão</i>
93	O fenômeno humano
96	<i>Liberdade humana: entre a Teologia e a Ciência</i>
104	<i>Liberdade humana: entre Deus e o diabo</i>
109	<i>Sufrimento: “viver é um negócio muito perigoso”</i>
115	CONCLUSÃO
121	REFERÊNCIAS
133	NOTAS





Foi num misto de espanto e alegria que recebi do meu amigo Clademilson Paulino a incumbência tão honrosa de prefaciá-lo seu livro. Não sou acadêmica e por isso concluo que a motivação do autor ao me fazer tal convite foi antes de tudo afetiva. Na minha visão de leitora comum, mas apaixonada por literatura e espiritualidade, senti imenso prazer no contato com esse texto que trata do sofrimento como seu tema central e o faz numa abordagem profunda e humana, conseguindo conciliar erudição, simplicidade e beleza de linguagem.

O assunto, tão exaustivamente abordado dentro e fora dos meios acadêmicos, nesta obra recebe um viés especial ao aproximar a teologia e a literatura tendo como eixo principal o amor, a dor e a liberdade. Ao longo do texto somos instigados a refletir sobre os questionamentos e as muitas teorias sobre as razões do sofrimento. Nesta obra o autor escolhe a liberdade como explicação.

Qual é afinal, a razão do sofrimento? E como explicar o fato de nem sempre haver uma equivalência entre a nossa possível culpa e a dor que nos é imposta? São questões que nos confundem e que podem nos levar a conclusões precipitadas e desumanas, como aquelas dos amigos de Jó, relatadas no texto bíblico.

Para fugir de um padrão teológico puramente dogmático e buscar respostas com um sentido mais profundo e humano sobre o sofrimento, nosso autor faz a opção por um método antropológico de pesquisa e abraça a difícil tarefa de aproximar a teologia da literatura nas divergências e convergências que este diálogo possa suscitar. O maior desafio nesta questão reside no fato de existir certa superioridade histórica no campo da teologia, por se tratar de uma área do saber que lida com o sagrado e, além disso, estar sujeita ao sistema de poder das instituições eclesásticas. As obras literárias de autores latino-americanos, presentes no texto, nos revelam o quanto uma teologia enclausurada pelo dogmatismo religioso pode ser opressora e alheia às angústias do humano. É no encontro

com o caráter antropocêntrico da literatura, que a teologia pode caminhar na direção da compaixão e da justiça social e, por outro lado, ser enriquecida com um elemento essencial para a superação do sofrimento humano, e que só a religião pode oferecer - a esperança.

É por essa trilha (ou travessia) que Clademilson escolhe caminhar tecendo, tanto aproximações como distanciamentos entre os textos do teólogo Juan Luis Segundo e do romancista João Guimarães Rosa.

Para explicar a questão do sofrimento, Juan Luis Segundo parte da ideia do mundo em evolução onde o ser humano em sua incompletude se torna parceiro de Deus, na árdua e perigosa aventura de construir um mundo inacabado, daí a causa do sofrimento. Para ele, só ao ser humano foi dada a condição de se relacionar pessoalmente e em liberdade com Deus, e isto é a outorga da Graça divina. Nessa relação entre Deus e o ser humano, a evolução é o processo escolhido por Deus para criar um ser tão livre como Ele. Essa criação que está sendo formada em direção ao ponto “Ômega” é imperfeita, o que explica a situação de sofrimento do homem.

O mundo inacabado de Segundo, e o sertão de Riobaldo, personagem principal de Guimarães Rosa, podem ser colocados em paralelo para se compreender a dor existencial humana e sua relação com a liberdade.

O sertão de Guimarães Rosa é o lugar do sagrado, onde o bem e mal travam luta sem trégua. É lugar onde a memória faz detonar as emoções mais ambíguas que se embaraçam entre a crueldade da vida e as ternuras do amor e no qual as perguntas ficam sem respostas. A lembrança do passado é sempre uma reconstrução a partir das experiências do presente. É no sertão que o personagem Riobaldo, ao contar a sua história, recria o próprio passado com as imagens e ideias do presente e se surpreende com o amor que sente por Diadorim, sentimento mesclado de afeto, culpa e frustração.

ideia do amor como causa do sofrimento. A Juan Segundo, entretanto, “amor e dor não são elementos opostos mas complementares”. Segundo, invoca os conceitos de Freud para nos dizer que o processo de amadurecimento da pessoa humana ocorre quando vencemos a busca pela auto satisfação e nos movemos em direção ao outro. De fato, “nunca estamos mais desprotegidos do que quando amamos”. Por isso, torna-se impossível a experiência do amor sem que a pessoa se submeta ao sofrimento na mesma porção.

Vida, sofrimento e liberdade é o assunto da obra e a realidade de todo ser humano que ama e que sofre. Mas na aridez do deserto há também o consolo das veredas. Diante do assombro do mal, o descanso da fé que nos ajuda a “desendoidecer, desdoidar” e, sobretudo, a liberdade das escolhas e o caminhar em direção ao outro, são elementos que dão sentido à nossa “travessia”.

O texto é surpreendentemente agradável, não só pelo tema, mas a própria linguagem do autor que nos convida a viver a dualidade e visitar o sertão como memória, mesmo que o leitor jamais tenha estado lá. Boa leitura.

*Jesuina de Miranda Silva*



## I

*Raramente os teólogos levam em conta, como argumentação válida para suas elaborações especulativas, a maneira com que muitas vezes os literatos tratam temas teológicos. Parece que não os consideram como dignos da mesma atenção que se presta às teorias filosóficas. Não obstante, creio que há um erro nisso, pois, além de tais escritores refletirem, às vezes, muito mais que os próprios filósofos, os elementos condicionantes mais populares do modo de pensar de uma época, eles têm a vantagem de que seu interesse cultural não vai se precaver tanto em ultrapassar o umbral do religioso e em aplicar a ele o senso comum e a liberdade crítica.<sup>1</sup>*

A tentativa de aproximação em forma de diálogo entre o saber teológico e a literatura, proposta relativamente nova, possui uma dimensão de possibilidades de métodos muito grande. Assim, por possuir esses muitos *caminhos*, o diálogo torna-se algo extremamente delicado de ser feito, e o pesquisador que se aventura por esses caminhos da teologia e literatura em diálogo pode, no diálogo, não dialogar. O mesmo, dependendo de sua preocupação e de seus objetivos com o diálogo, pode supervalorizar a teologia e colocá-la como corretiva em relação aos desvios feitos pela literatura com relação à pessoa de Deus e a visão de fé do ser humano crente (cristão). Ou, ainda, dentro dessa supervalorização da teologia utilizar-se da literatura como forma de evangelismo e/ou como afirmação de seus pressupostos teológicos. Pode, também, entendendo a arte (poesia-literatura) como única forma de expressão do transcendente supervalorizar a literatura como expressão da pessoa de Deus e da visão de fé, deixando de lado a expressão religiosa das confissões como possível e aceitável busca pelo transcendente. Ou, por fim, pode também não criar uma linha divisória entre as duas coisas, confundindo teologia e literatura (poesia como teologia e teologia como poesia), impossibilitando assim o diálogo.

Contudo, apesar dessa possibilidade de fazer um diálogo não dialogando entendo, como pesquisador, que esse diálogo mesmo correndo tais riscos necessita ser feito. A teologia não pode deixar de lado um material tão vasto sobre a condição humana (antropologia) e a sua visão de Deus (teologia). Pois, como disse Juan Luis Segundo, no texto citado acima, os temas teológicos são muito bem apresentados por literatos. Os mesmos refletem, para usar a mesma frase de Segundo, “[...] os elementos condicionantes mais populares do modo de pensar de uma época [...]”<sup>2</sup>, tanto com relação a si mesmo (como humano no mundo), como de sua relação com o transcendente (a religião).

O tema do sofrimento humano e as suas possíveis respostas teológicas sempre me chamaram a atenção como possibilidade de objeto de estudo. A questão do sofrimento, geralmente tratada com a ideia de satisfação e não satisfação – que formam uma balança entre a felicidade e sofrimento –, possui na teologia respostas que vão desde uma criação que foi efetuada e depois abandonada pelo seu criador; passando pelo sofrimento como uma possível impossibilidade diante da realidade de Deus; e concluindo com o pagamento pelo pecado ou como caminho pedagógico divino.

Tendo o sofrimento como tema gerador dessa pesquisa, fazendo com que essa preocupação estritamente teológica se transformasse num diálogo, acabei encontrando nesses caminhos a liberdade como uma boa ou, pelo menos, possível resposta. Liberdade essa que tem como caminho um outro diálogo: o da teologia com a ciência que possui como pressuposto uma criação feita por um ser divino que toma o processo evolutivo, explicado por Darwin, como meio de criar. E é por esse caminho teologicamente pensado por onde passaremos por Teilhard de Chardin e indo até o nosso autor Juan Luis Segundo.

Pierre Teilhard de Chardin<sup>3</sup> segue a ideia de sofrimento e felicidade como questão de satisfação e não-satisfação. Mas

como ele próprio afirma, tentando superar sem renunciar essa simplista afirmação, os seres humanos dividem-se em três grupos: o tipo pessimista – “vale mais ser menos do que ser mais, – e que melhor seria não ser de vez”; o tipo desfrutador – “vale mais ser do que não ser”; e o tipo entusiasta – “não apenas vale mais ser do que não ser, mas ainda é sempre possível, e exclusivamente interessante, vir a ser mais”. O que tornaria o ser feliz em algo mais prático, pela unificação de nós mesmos no âmago de nós mesmos; pela união do nosso ser com outros seres, nossos semelhantes; pela subordinação de nossa vida a uma vida maior que a nossa. O que se resumiria em: a felicidade de crescer, felicidade de amar e felicidade de adorar. Para Teilhard, na sua visão de mundo em evolução, o sofrimento é entendido como algo “bom” na construção deste mesmo mundo, como algo que possui um valor de edificação, um tipo de função didática para um melhor aproveitamento da vida, que caminha numa direção de ascensão, sempre para algo mais elevado.

Juan Luis Segundo que segue o pensamento de Teilhard de Chardin, parte do pressuposto de que a criação é feita a partir de um processo evolutivo onde Deus escolheu livremente fazer um mundo e um ser para nele habitar que fossem, semelhantemente a ele, também livres e criadores. Esse mundo que está se construindo num processo de evolução é um mundo inacabado e imperfeito e, por essa razão, é um lugar de dor e sofrimento.

Não há por que buscar um Adão para que desordene um mundo perfeito e sem dor. E se se pergunta o porquê dessa estranha preferência por uma criação que Deus deixa sem acabar, já vimos que isso se deve a que essa é a única maneira de tornar o homem criador. Figuradamente, poder-se-ia dizer que este é o mito: Deus começa a repousar de sua obra criadora, quando esta fica nas mãos inexpertas e trêmulas do homem. Com todo o sofrimento que isto traz consigo. Só que, verdadeiramente falando, Deus não repousa, indiferente, quando acaba a sua obra. O Deus que conhecemos se envolve

nessa criação, confiada ao homem. Não apenas para colocar no coração do homem a responsabilidade criadora, como uma exigência de amor e acompanhar apaixonadamente o desempenho dessa responsabilidade, sem a qual a criação inteira não teria significado algum para ele. Mas, porque ele mesmo quer, por amor a cada um dos que sofrem nesse árduo caminho, sentir o sofrimento do ainda-não construído. Da dor ainda não vencida. Dos poderes ainda não subjugados ao mandato e ao amor do homem.<sup>4</sup>

Deus, para Juan Luis Segundo, só possuía a evolução como forma de criar se sua intenção fosse criar um ser livre como Ele. Contudo essa liberdade nas mãos trêmulas desse homem tornar-se-ia sua maior virtude e também seu maior desafio: viver passaria a ser *um negócio muito perigoso*.

## II

*Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, erroso, os olhos de nem ser – se viu –; e com máscara de cachorro. Me disseram; eu não quis avistar. Mesmo que, por defeito como nasceu, arbitado de beiços, esse figurava rindo feito pessoa. Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvido. Mataram.<sup>5</sup>*

É com essa pequena explicação sobre o bezerro-demo que Riobaldo abre a sua narrativa, a narrativa que fala sobre a história de sua vida, que por três dias é contada ao senhor doutor, homem da cidade que, de passagem está ali visitando o ex-jagunço e ex-chefe-jagunço Urutú-Branco.

Pelas seiscentas mágicas páginas da edição lida, o personagem-narrador convida-nos a entrar no seu universo



sertanejo, nessa sua realidade metafísica de dualismo e dualidade entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo<sup>6</sup>; faz-nos caminhar com ele na sua vida jagunça; faz-nos conhecer os lugares onde esteve e as pessoas com quem conviveu; faz-nos pensar na miséria e na dor do homem sertanejo; mas, principalmente, faz-nos refletir sobre o seu sofrimento, o Diadorim que ele perdeu:

*Que Diadorim era corpo de uma mulher, moça perfeita...  
Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. [...]  
Ele era. [...] Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher.  
Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio  
Urucúia, como eu solucei meu desespero.<sup>7</sup>*

Riobaldo ao falar sobre seu sofrimento, ao contar a sua dor ao senhor doutor e ao seu leitor, procura compreender aquilo que ele próprio, dono de sua história, não consegue, ele quer contar algo mais, para que talvez assim chegue em algum lugar, em alguma resposta: “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principalmente quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba”<sup>8</sup>. Saiba aquilo que ele não sabe, ou não quer saber, os porquês de seu sofrimento.

### III

Tentando respeitar os limites e as especificidades de cada campo pretendo, dentro desse tema afim: sofrimento e liberdade, fazer um diálogo entre a teologia de Juan Luis Segundo que é uma proposta de aproximação da teologia com a vida, e João Guimarães Rosa, mais especificamente o personagem Riobaldo do “Grande Sertão: Veredas”, que na sua vida sertaneja, apesar de ficcional, comunica na sua verossimilhança a mais comum realidade de vida, onde se processam as questões existenciais e expressões religiosas de alguém que sofre a e na vida. A intenção é aproximar e dialogar uma teologia que pretende ter um “sabor de vida” com um

personagem de romance da literatura rosiana que mostra essa vida nua e crua no sertão mineiro.

Em três capítulos pretendo de forma crescente fazer o tema evoluir. O primeiro capítulo tem a intenção de apresentar de forma bastante geral (aberta) o diálogo já feito entre teologia e literatura no contexto latino americano; também apresentando os dois autores, Juan Luis Segundo na teologia e João Guimarães Rosa na literatura; e por fim o romance que será trabalhado, o “Grande Sertão: Veredas”.

O segundo capítulo tem a preocupação de delimitar o tema na vida da personagem Riobaldo entendendo-o como protagonista de uma obra de ficção, mas que pode muito bem ser também entendido, a partir da verossimilhança, com um *sofrente* da vida. “Riobaldo: uma meia teologia” pretende ser a explanação de um grito humano diante de sua realidade bruta e violenta onde o ser humano é criador e criatura num mundo inacabado, o sertão.

O terceiro e último capítulo tenta estreitar o diálogo no tema apresentado. Sertão, solidão e sofrimento tentam, respectivamente, falar da condição humana em seu mundo e em sua vida; da condição humana com relação à sua liberdade, que se processa entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo; e, por fim, da condição humana diante do sofrimento que é fruto de sua maior dádiva, a liberdade.

A proposta desse primeiro capítulo, que já em seu título apresenta-se de forma a querer tratar de muita coisa, é a de abrir o presente diálogo. A primeira preocupação que se tem é a de mostrar a relevância e a possibilidade do diálogo. O primeiro ponto, seguindo essa proposta de abertura, é uma apresentação de alguns autores e trabalhos já feitos no contexto latino-americano. Entre eles estão: Pedro Trigo, Gustavo Gutiérrez, Antonio Manzatto, Eli Brandão e Antonio Magalhães. A segunda preocupação é a de apresentar os dois autores que serão trabalhados, uma introdução aos seus respectivos pensamentos e suas biografias. Para isso, tem-se o segundo e terceiro ponto desse capítulo: Juan Luis Segundo e a sua *Teologia com Sabor de Vida* e João Guimarães Rosa: *Vida e Religiosidade*. A terceira e última preocupação é a de apresentar o romance, o “Grande Sertão: Veredas”, de onde sairá o personagem-narrador, protagonista, que será a nossa base de reflexão. O quarto ponto que contempla esse último objetivo carrega em si um resumo do romance e algumas de suas características importantes.

## 1.1. Teologia e Literatura em Diálogo na América Latina

Nesse primeiro momento uso da obra de Pedro Trigo: *Teologia Narrativa no Novo Romance Latino-Americano*<sup>9</sup>, autor que também é analisado por Antonio Magalhães em seu livro: *Deus no Espelho das Palavras*<sup>10</sup>, obra que será trabalhada mais à frente.

### *Pedro Trigo: igreja, vigário e conflitos sociais*

Trigo, na introdução de seu texto, fala primeiro da ausência do tema religioso nas obras literárias<sup>11</sup>. Essa ausência, que ele não chama de ausência de tema religioso, mas sim de “ausência da instituição eclesial”<sup>12</sup>, acontece, segundo ele, pelo “caráter liberal e positivista dos autores”<sup>13</sup>. Afirma Trigo, teólogo da libertação, que nessas obras tanto a igreja como o vigário não fazem parte dos processos de *conflitos sociais*, tema